HISTÓRIAS MODERNAS NA LITERATURA INFANTIL

CLAUDIA FRANCO MEDEIRO

RESUMO
Este estudo tem como objetivo identificar o papel formativo da literatura infantil, observando suas transformações históricas, suas manifestações no contexto brasileiro e as implicações pedagógicas que emergem do diálogo entre o imaginário e o processo de aprendizagem. A análise aborda de que modo a literatura voltada à infância ultrapassa a função estética para constituir-se como instrumento de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. O estudo adota uma abordagem qualitativa, sustentada em revisão de literatura, buscando compreender as contribuições teóricas e críticas sobre o tema. A análise contempla desde o surgimento da literatura infantil como gênero autônomo até sua consolidação no cenário brasileiro, enfatizando a importância da narração e dos clássicos contemporâneos como mediadores simbólicos entre o real e o imaginário. Após revisão de literatura, observa- se que a literatura infantil, ao mobilizar a imaginação e promover experiências simbólicas, contribui para a formação integral da criança, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da sensibilidade estética. Sendo assim, o contato sistemático e orientado com a literatura infantil deve ser compreendido como prática essencial à educação, capaz de despertar o prazer pela leitura, fortalecer vínculos culturais e ampliar o repertório emocional e intelectual do sujeito em formação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. Imaginário. Aprendizagem. Clássicos literários. Formação do leitor.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil constitui um dos mais expressivos campos de estudo no cruzamento entre arte, linguagem e educação. Mais do que simples entretenimento, ela representa uma forma de expressão simbólica capaz de influenciar o modo como as crianças percebem o mundo, constroem significados e elaboram suas experiências, transcendendo o ato de ler ao envolver o despertar da imaginação, o estímulo à sensibilidade e o fortalecimento das capacidades cognitivas e sociais. Diante da crescente valorização das práticas de leitura e da necessidade de repensar os métodos de ensino e de aprendizagem, torna-se fundamental compreender como a literatura infantil participa da formação do sujeito e contribui para o desenvolvimento integral desde a primeira infância (MOREIRA, 2024).

O estudo da literatura infantil adquire relevância em um contexto educacional marcado pela busca de práticas pedagógicas mais humanas, criativas e inclusivas. No Brasil, esse processo consolidou-se com autores que transformaram o imaginário infantil em um campo fértil de criação e reflexão. A literatura passou, então, a ocupar um papel central na constituição do leitor, funcionando como mediadora entre o indivíduo e o universo cultural. Nesse sentido, compreender a trajetória da literatura infantil é compreender também as transformações das concepções de infância e de educação ao longo do tempo (FONTINELE E AMORIN, 2025).

Este estudo objetivou identificar a importância da literatura infantil como instrumento de formação e aprendizagem, com ênfase nas dimensões simbólica, imaginativa e social do ato de ler. Como objetivos específicos, estão: apresentar um breve histórico da literatura infantil; evidenciar o desenvolvimento da literatura infantil no Brasil; refletir sobre o papel da narração e do imaginário na formação do leitor; identificar as características que tornam determinados livros infantis verdadeiros clássicos contemporâneos; compreender as relações entre o aprender e o imaginário literário no processo educativo. Esses eixos articulam-se de modo a evidenciar a potência formativa da literatura na construção de sujeitos críticos, criativos e sensíveis. A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de revalorizar a literatura infantil no ambiente educacio-

nal e cultural, reconhecendo-a não apenas como suporte de alfabetização, mas como experiência estética e ética. Em um tempo em que o imediatismo das mídias digitais tende a reduzir o espaço da imaginação e da contemplação, a leitura literária surge como contraponto formativo, capaz de promover o encantamento e o pensamento simbólico. Assim, refletir sobre a literatura infantil é também refletir sobre a formação humana e sobre a urgência de práticas educativas que priorizem a imaginação, o diálogo e a construção coletiva do
conhecimento.

A metodologia adotada para a realização do estudo estrutura-se a partir de uma revisão de literatura, de natureza qualitativa e caráter descritivo-analítico, em que foram analisadas produções teóricas, ensaios críticos e estudos acadêmicos que discutem a origem, a função e as dimensões pedagógicas da literatura infantil, bem como suas relações com o imaginário e o aprendizado. Essa estrutura visa oferecer uma reflexão ampla e fundamentada sobre a relevância da literatura na formação integral da criança e na consolidação do ato de ler como prática de liberdade.

BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil, como campo específico de produção literária, é um fenômeno relativamente recente quando comparado à longa história da literatura universal. Durante muitos séculos, as narrativas destinadas às crianças não existiam enquanto categoria autônoma. As histórias associadas à infância circulavam entre adultos, sendo parte da tradição oral e transmitidas em contextos familiares ou comunitários. Essas narrativas, repletas de símbolos e arquétipos, não eram criadas para o público infantil, mas para expressar valores, crenças e experiências coletivas das sociedades antigas. O surgimento da literatura infantil, portanto, está diretamente ligado a transformações sociais, culturais e pedagógicas ocorridas a partir do século XVII e XVIII (LEAL, 2022).

No contexto europeu, o nascimento da literatura infantil está relacionado ao reconhecimento da infância como uma fase distinta da vida. Até o século XVII, a criança era vista como um "adulto em miniatura", sem um universo simbólico próprio. Essa visão começou a se alterar com o avanço das ideias iluministas e com as mudanças promovidas pela Revolução Industrial. A escola tornou-se um espaço fundamental na formação das novas gerações, e a leitura passou a ser compreendida como instrumento de instrução moral e social. Nesse contexto, surgem as primeiras obras voltadas ao público infantil, muitas delas com caráter pedagógico e moralizante, como as fábulas e os contos adaptados para ensinar virtudes e bons costumes (CRUZ, 2020).

Entre os séculos XVII e XVIII, autores como Charles Perrault e, posteriormente, os irmãos Grimm, marcaram um ponto de inflexão na história da literatura infantil. Suas obras resgataram contos da tradição popular e os organizaram de modo a atender à sensibilidade da época, conferindo-lhes uma dimensão literária. Perrault, por exemplo, transformou narrativas orais em textos escritos de valor artístico, dando origem a contos como Cinderela e Chapeuzinho Vermelho. Os Grimm, por sua vez, realizaram um trabalho de compilação e preservação cultural, reconhecendo o poder simbólico dessas histórias no desenvolvimento moral e emocional das crianças. Assim, a literatura infantil consolidou-se como instrumento de transmissão de valores, mas também como espaço de encantamento e imaginação (GUIMARÃES E HEIL, 2017). O século XIX ampliou o alcance e a função da literatura infantil. O avanço da imprensa e a expansão da educação pública criaram demandas por livros acessíveis e ilustrados. Nesse período, autores como Hans Christian Andersen introduziram uma nova sensibilidade às narrativas infantis, conferindo-lhes profundidade emocional e poética. Andersen compreendeu que as histórias poderiam ser, ao mesmo tempo, simples e complexas, encantadoras e reflexivas. Obras como O Patinho Feio e A Pequena Sereia expressam temas universais (rejeição, crescimento, identidade) de modo acessível às crianças, mas repleto de significados para os adultos. Essa dupla leitura é uma das marcas que definiriam, posteriormente, o que entendemos por literatura in-

fantil de qualidade (COELHO, 2018).

Com o avanço do século XX, a literatura infantil passou por um processo de ampliação estética e ideológica. As obras deixaram de ter apenas uma função moralizante e passaram a valorizar a subjetividade, o humor e a imaginação. O livro infantil começou a dialogar com as novas concepções de infância, que passaram a reconhecer a criança como sujeito de direitos, curiosa, criativa e dotada de pensamento próprio. Esse movimento foi acompanhado por inovações gráficas, narrativas e temáticas, com o surgimento de livros ilustrados que uniam texto e imagem de maneira simbiótica. A literatura infantil se firmou, então, como um campo artístico autônomo, com valores estéticos e linguísticos próprios (RICHE, 2020).

Leal (2020) chama atenção para a importância de destacar que o desenvolvimento da literatura infantil não ocorreu de modo homogêneo em todos os contextos, pois enquanto na Europa ela se estruturava em torno de um ideal pedagógico burguês, em outras regiões do mundo, como a América Latina, sua consolidação foi mais tardia e marcada por influências diversas. A tradução de clássicos europeus predominou por muito tempo, o que fez com que o imaginário infantil dessas sociedades fosse, em grande parte, moldado por referências estrangeiras.

Ao longo do tempo, a literatura infantil também passou a ser compreendida como ferramenta de formação humanística, não se restringindo ao entretenimento, mas se consolidando como meio de reflexão sobre a condição humana, as emoções e as relações sociais. O contato precoce com narrativas literárias desperta a empatia, estimula a imaginação e contribui para a construção do pensamento crítico. Por meio das histórias, a criança aprende a compreender o outro, a lidar com conflitos e a reconhecer a complexidade do mundo que a cerca (COLOMER, 2019).

Outro aspecto fundamental no percurso histórico da literatura infantil é a presença das ilustrações. Desde o século XIX, com o desenvolvimento da impressão colorida, o livro infantil ganhou um novo protagonismo visual. A imagem passou a dialogar com o texto de modo criativo, complementando sentidos, ampliando metáforas e provocando novas interpretações. O leitor infantil, que inicialmente dependia do adulto para mediar a leitura, passou a interagir com o livro de forma mais autônoma, compreendendo-o como um objeto estético completo. Assim, texto e imagem se uniram na construção de uma linguagem literária própria da infância (VELLUDO, 2021).

A consolidação da literatura infantil também acompanhou transformações nos paradigmas educacionais. Com o avanço das ciências humanas e pedagógicas, especialmente no século XX, reconheceu-se a importância da fantasia e do imaginário no processo de aprendizagem. As histórias infantis passaram a ser valorizadas como instrumentos de desenvolvimento cognitivo e emocional, capazes de favorecer a criatividade e a expressão simbólica. Essa valorização marcou a transição de uma literatura didática para uma literatura artística, em que o prazer da leitura e o exercício da imaginação se tornaram elementos centrais (ANDRUETTO, 2021).

Atualmente, ao revisitar o percurso histórico da literatura infantil, identifica-se que ela reflete as concepções de infância de cada época e sociedade. Se no passado servia como veículo de moral e disciplina, hoje é reconhecida como espaço de liberdade, diversidade e crítica. O livro infantil contemporâneo acolhe múltiplas vozes, temas e linguagens, promovendo o encontro entre tradição e inovação. Essa evolução demonstra que a literatura infantil não é estática, mas um organismo vivo, em constante diálogo com as transformações culturais e educacionais do mundo (FONTINELE E AMORIN, 2025).

Sendo assim, o breve histórico da literatura infantil revela um movimento de humanização da palavra dirigida à infância. Da oralidade ancestral à produção literária moderna, o que permanece é o poder das histórias de tocar o sensível, formar o imaginário e traduzir a experiência humana em linguagem simbólica. A literatura infantil, portanto, é mais do que um gênero: é um espaço de encontro entre gerações, um território onde o humano se reconhece em sua capacidade de sonhar, imaginar e narrar o mundo (ARCANJO, 2019).

A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

A literatura infantil no Brasil tem uma trajetória profundamente ligada à formação cultural e educacional do país. Diferentemente da Europa, onde o gênero se consolidou mais cedo, sua constituição em solo brasileiro foi tardia e atravessada por múltiplas influências (ALMEIDA E SLAVIEIRO, 2017).

Durante o período colonial e parte do Império, a infância era vista sob uma ótica utilitarista, associada à disciplina e à obediência. A leitura, quando existia, servia como instrumento moral e religioso, restrita às camadas mais favorecidas da sociedade. Não havia ainda uma concepção de livro voltado especificamente para o público infantil; predominavam textos catequéticos e obras de caráter didático, traduzidas de autores europeus, voltadas para a formação moral e cristã (HOOKS, 2019).

O surgimento efetivo da literatura infantil brasileira começa a se delinear no final do século XIX e início do XX, em um contexto de mudanças políticas e sociais que influenciaram a visão de infância. Com a urbanização crescente e a consolidação da escola como instituição de formação cívica e moral, surge a necessidade de livros que dialogassem com o universo das crianças. Nesse período, as editoras passam a investir em publicações voltadas à juventude, muitas delas inspiradas em modelos europeus. Contudo, foi somente com a obra de Monteiro Lobato que a literatura infantil brasileira ganhou identidade própria e se distanciou das imitações estrangeiras (ZILBERMAN, 2014).

Segundo Riche (2020), Monteiro Lobato representa um marco inquestionável na história da literatura infantil no Brasil. Com o Sítio do Picapau Amarelo, inaugurou uma nova forma de narrar para crianças, combinando humor, crítica social e imaginação. As personagens como Emília, Narizinho, Pedrinho e Dona Benta, simbolizam um Brasil plural, cheio de contrastes, mas também de possibilidades criativas. Lobato soube unir o discurso educativo ao prazer da narrativa, abordando temas como ciência, história e política sob uma ótica acessível e divertida. Sua contribuição ultrapassa o campo literário, pois ajudou a consolidar uma consciência nacional sobre a importância da leitura e da valorização da cultura brasileira desde a infância.

A partir da influência lobatiana, a literatura infantil brasileira passou por um processo de expansão e diversificação. Surgiram autores que buscaram novas linguagens e temáticas, explorando aspectos regionais, sociais e psicológicos da infância. Nos anos de 1950 e 1960, nomes como Lygia Bojunga, Ruth Rocha e Ana Maria Machado passaram a reconfigurar o imaginário infantil brasileiro, incorporando elementos de humor, fantasia e crítica social em suas obras. Essas escritoras trouxeram à literatura infantil uma voz autêntica e questionadora, rompendo com o modelo tradicional e moralizante. As crianças deixaram de ser apenas receptoras passivas e passaram a protagonizar histórias de descobertas, conflitos e transformações (ZILBERMAN, 2014).

A literatura infantil brasileira também acompanhou o desenvolvimento da ilustração como linguagem artística. A partir da segunda metade do século XX, os livros infantis passaram a integrar texto e imagem de modo mais simbólico e expressivo. Ilustradores como Ziraldo e Eva Furnari contribuíram para transformar o livro em um objeto estético completo, capaz de encantar e desafiar o leitor. Essa valorização da visualidade ampliou as possibilidades interpretativas da narrativa, consolidando o livro infantil como um produto cultural sofisticado, que dialoga simultaneamente com crianças e adultos (HOOKS, 2019).

Nas últimas décadas, a literatura infantil brasileira tornou-se mais plural e representativa. O surgimento de obras que abordam temas como diversidade cultural, questões de gênero, meio ambiente e inclusão social evidencia o compromisso dos autores com uma literatura que reflete a complexidade da sociedade contemporânea. As narrativas passaram a valorizar o diálogo intercultural, o respeito às diferenças e o pensamento crítico. Esse movimento reflete o amadurecimento do gênero, que deixou de ser visto apenas como ferramenta pedagógica para se afirmar como manifestação artística e instrumento de formação cidadã (VELLUDO,

2021).
Outro aspecto importante é a relação entre literatura infantil e políticas públicas de leitura. Programas governamentais e escolares contribuíram para a difusão do livro infantil em espaços antes marginalizados. Bibliotecas comunitárias, feiras literárias e projetos de incentivo à leitura ajudaram a consolidar o hábito da leitura desde os primeiros anos escolares. No entanto, a desigualdade de acesso ao livro ainda representa um desafio significativo no país. A democratização da leitura continua sendo um dos pilares para o fortalecimento da literatura infantil brasileira e para a formação de leitores críticos e sensíveis (CRUZ, 2020).
A literatura infantil brasileira também reflete os diferentes modos de ser criança em um país de dimensões continentais e realidades múltiplas. As narrativas ambientadas no sertão, na floresta, nas grandes cidades e nas comunidades periféricas compõem um mosaico de experiências e vozes. Essa diversidade temática aproxima o leitor de sua própria realidade, ao mesmo tempo em que o convida a conhecer outras formas de vida e de pensamento. O livro infantil, assim, torna-se instrumento de pertencimento cultural e de ampliação do imaginário coletivo (GUIMARÃES E HEIL, 2017).
Nos últimos anos, o avanço das tecnologias digitais tem desafiado e, ao mesmo tempo, renovado a literatura infantil. Livros interativos, plataformas virtuais e recursos multimodais introduzem novas formas de ler e contar histórias. Ainda que o suporte se transforme, a essência da literatura infantil permanece: a capacidade de provocar encantamento, reflexão e diálogo com o imaginário. O desafio contemporâneo está em equilibrar a tradição literária com as possibilidades tecnológicas, garantindo que o conteúdo continue a valorizar a sensibilidade, a linguagem poética e o poder simbólico da narrativa (FONTINELE E AMORIN, 2025).
Portanto, a literatura infantil no Brasil percorreu um caminho de lenta consolidação, mas de extraordinária riqueza criativa. De instrumento pedagógico a expressão artística, ela acompanhou as transformações sociais e educacionais do país, afirmando-se como um dos pilares da formação cultural nacional. Sua trajetória reflete o amadurecimento de um olhar sobre a infância, explorada como um território próprio de experiências, emoções e descobertas. A literatura infantil brasileira, portanto, é espelho e voz da infância que aprende, imagina e transforma o mundo pela força da palavra.

A IMPORTÂNCIA DA NARRAÇÃO

A narração ocupa um papel central no desenvolvimento humano, especialmente na infância, quando o ato de ouvir e contar histórias atua como um dos primeiros instrumentos de construção simbólica do mundo. Pela narrativa, a criança organiza suas experiências, compreende as emoções e dá sentido ao que a cerca. O ato de narrar é, portanto, uma forma de mediação entre o real e o imaginário, entre o vivido e o sonhado, possibilitando à criança acessar universos que extrapolam sua experiência cotidiana, permitindo-lhe experimentar emoções, conflitos e soluções que colaboram para a formação de sua subjetividade (GUIMARÃES E HEIL, 2017).
Desde tempos remotos, a narração oral foi o principal veículo de transmissão de conhecimento e cultura. Antes da escrita, a humanidade preservava seus mitos, lendas e valores através da voz. O contador de histórias era um guardião da memória coletiva, e suas narrativas funcionavam como pontes entre gerações. No universo infantil, essa tradição se perpetua na figura do adulto que lê ou narra histórias, recriando laços afetivos e simbólicos. A palavra contada carrega um poder de encantamento que nenhum outro meio consegue substituir completamente, pois nela estão presentes o tom da voz, o ritmo, o olhar e a emoção que dão vida à história (ARCANJO, 2019).
A narração também tem um papel essencial na formação do imaginário infantil. É por meio das histórias que a criança aprende a imaginar, a sonhar e a projetar possibilidades. O imaginário, entendido como o espaço onde símbolos e imagens se entrelaçam, constitui o alicerce da criatividade e da capacidade de abstração. Quando a criança se identifica com um herói, teme um vilão

ou se encanta com um cenário mágico, ela está exercitando formas complexas de pensamento e emoção. O poder da imaginação, despertado pela narração, não se limita ao entretenimento: ele estimula a construção de sentido e o desenvolvimento de empatia e autonomia (COELHO, 2018).

No contexto educativo, a narração é reconhecida como instrumento fundamental para o aprendizado. Ao ouvir histórias, as crianças entram em contato com estruturas narrativas que ampliam seu repertório linguístico e cognitivo. Elas aprendem a compreender sequências temporais, relações de causa e efeito, além de enriquecerem seu vocabulário e sua capacidade interpretativa. O narrador, nesse processo, atua como mediador entre o texto e a criança, conduzindo-a por um caminho de descoberta e reflexão. Assim, narrar não é apenas um ato lúdico, mas também pedagógico, pois envolve o desenvolvimento da escuta, da atenção e da imaginação crítica (LEAL, 2022).

Além de seu valor cognitivo, a narração possui um poder emocional profundo. As histórias ajudam as crianças na compreensão de seus medos, frustrações e desejos, oferecendo-lhes metáforas que espelham suas próprias vivências. Quando o enredo apresenta desafios e superações, a criança projeta-se nos personagens e aprende, de forma simbólica, a enfrentar os próprios conflitos. O imaginário literário, nesse sentido, cumpre uma função terapêutica: ele acolhe o que é difícil de ser dito e transforma a angústia em linguagem. A narração, assim, se converte em um espaço seguro de experimentação emocional (COELHO, 2018).

A importância da narração também reside em seu potencial de formar comunidades de sentido. Quando uma história é contada, criando um espaço de partilha, onde narrador e ouvintes constroem juntos o significado do texto. Essa dimensão social da narrativa reforça vínculos afetivos e culturais, fortalecendo a identidade coletiva. No caso das crianças, ouvir histórias em grupo desperta o sentimento de pertencimento e o prazer de viver experiências simbólicas compartilhadas. A leitura coletiva em sala de aula, por exemplo, é um exercício de convivência e escuta que ultrapassa o campo da aprendizagem formal, transformando-se em experiência estética e social (COLOMER, 2019).

A narração também é uma ferramenta de preservação da memória cultural. As histórias infantis, sejam elas de tradição oral ou literária, trazem consigo valores, mitos e representações que compõem o imaginário de um povo. Ao ouvir ou ler narrativas tradicionais, as crianças entram em contato com aspectos da cultura de seus antepassados e aprendem a reconhecer-se como parte de uma história maior. Essa dimensão identitária é fundamental em um mundo globalizado, no qual a valorização das raízes culturais se torna uma forma de resistência simbólica e de afirmação da diversidade (ARCANJO, 2019).

Outro aspecto relevante é que o ato de narrar ensina o valor da escuta e da paciência, elementos cada vez mais raros em um tempo dominado pela velocidade e pela imagem. A narrativa literária exige do ouvinte um tipo de atenção que o prepara para compreender textos mais complexos e desenvolver o pensamento crítico. A criança que aprende a ouvir histórias desenvolve uma escuta sensível, capaz de perceber nuances, intenções e emoções. Essa escuta atenta é, posteriormente, transferida para outras formas de linguagem, como o cinema, a música e a convivência social, tornando-se um alicerce para a leitura do mundo (ANDRUETTO, 2021).

A presença do imaginário nas narrativas infantis é, portanto, o que as torna atemporais e universais. O imaginário transcende fronteiras e permite que cada leitor ou ouvinte crie sua própria versão da história. É ele que confere à literatura infantil o poder de encantamento que atravessa gerações. A criança, ao mergulhar no universo do faz de conta, não apenas se diverte: ela aprende a construir hipóteses, a compreender metáforas e a reconhecer emoções. O imaginário é, em última instância, o espaço onde o conhecimento racional se entrelaça com a sensibilidade, e a narração é o fio que costura esses dois mundos (ALMEIDA E SLAVIEIRO, 2017).

Sendo assim, compreender a importância da narração é reconhecer o poder transformador da palavra. Narrar é um ato de cria-

ção e de resistência, capaz de manter viva a tradição, estimular o pensamento e formar indivíduos sensíveis. A narração literária convida a criança a ver o mundo sob novas perspectivas e a perceber que cada história é também uma forma de autoconhecimento. Nesse sentido, o imaginário não é fuga da realidade, mas uma forma ampliada de compreendê-la. A literatura infantil, ao valorizar a arte de narrar, reafirma a força simbólica da linguagem como caminho de formação humana, cultural e afetiva (COLOMER, 2019).

CLÁSSICOS CONTEMPORÂNEOS

O conceito de "clássico" na literatura infantil ultrapassa a noção de antiguidade ou fama. Um clássico é uma obra que se renova a cada leitura, que mantém sua relevância ao longo do tempo e continua a dialogar com diferentes gerações. No universo infantil, essa permanência está relacionada à capacidade do livro de despertar o encantamento, estimular a imaginação e transmitir significados universais. O clássico infantil não se esgota em uma leitura, pois oferece múltiplos níveis de interpretação que pode ser lido por uma criança e relido por um adulto com novas percepções, sem perder sua força simbólica. É essa atemporalidade que transforma determinadas obras em referências permanentes da cultura literária (FONTINELE E AMORIN, 2025).

De acordo com Moreira (2024), o que faz um clássico ser um clássico é, antes de tudo, sua profundidade simbólica e a autenticidade de sua linguagem. Uma história simples pode conter reflexões complexas sobre o mundo, a vida e as emoções humanas. O clássico transcende o tempo porque trata de temas que permanecem vivos: o medo, a coragem, o amor, a amizade, a perda, o crescimento. Esses temas universais, quando apresentados de maneira poética e imaginativa, criam pontes entre o leitor e a essência da experiência humana. A literatura infantil clássica, nesse sentido, não subestima a criança, mas a convida a refletir, a sonhar e a sentir intensamente.

Outro aspecto que caracteriza os clássicos é a sua capacidade de construir universos simbólicos consistentes. Em obras como Alice no País das Maravilhas, Peter Pan ou O Pequeno Príncipe, o leitor é transportado para mundos imaginários que se tornam metáforas da realidade. O espaço fantástico, longe de ser mero cenário de fuga, torna-se território de questionamentos e descobertas. Esses livros não oferecem respostas prontas, mas abrem caminhos interpretativos. Cada releitura é uma viagem diferente, o que garante sua permanência e vitalidade ao longo do tempo (VELLUDO, 2021).

A identificação de um clássico também está ligada à força de seus personagens. Em geral, eles possuem características arquetípicas que ecoam no imaginário coletivo: o herói curioso, o ser em busca de identidade, o amigo fiel, o sábio conselheiro. Esses arquétipos, embora universais, são revestidos por nuances que os tornam singulares. Pinóquio, por exemplo, é mais do que um boneco que quer ser menino; ele simboliza a jornada humana em busca de autenticidade e consciência. Da mesma forma, o Pequeno Príncipe representa o olhar inocente que revela verdades profundas sobre o amor e a essência da vida. Os personagens clássicos permanecem vivos porque dialogam com o inconsciente humano (LEAL, 2022).

Para reconhecer um clássico contemporâneo, é necessário compreender que a literatura infantil não se limita ao tempo de sua publicação, mas à permanência de seu impacto. Há livros recentes que, mesmo lançados há poucas décadas, já se consolidaram como obras de referência por sua qualidade estética e por tocarem questões universais. Exemplos incluem O Menino Maluquinho, de Ziraldo, e A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga, que, embora contemporâneos, alcançaram o status de clássicos nacionais. Ambas as obras exploram o imaginário infantil com sensibilidade e humor, oferecendo às crianças e aos adultos uma leitura sobre liberdade, identidade e o poder de sonhar (RICHE, 2020).

Os clássicos contemporâneos também se destacam por sua capacidade de representar a infância de maneira autêntica, sem idealizações. Eles reconhecem a criança como sujeito de desejos, dúvidas e emoções complexas. A literatura infantil moderna rompeu

com a ideia de que as histórias devem apenas ensinar lições morais. Em vez disso, busca compreender a criança em sua inteireza, oferecendo-lhe narrativas que a respeitam como leitora sensível e crítica. Essa mudança de paradigma explica por que muitas obras recentes alcançaram a mesma relevância dos clássicos tradicionais: elas dialogam com o tempo presente sem perder o caráter universal da arte (FONTINELE E AMORIN, 2025).

Outro elemento fundamental na formação dos clássicos é a linguagem poética. A musicalidade, o ritmo, o uso simbólico das palavras e a beleza das imagens verbais são marcas das obras que perduram. O clássico encanta não apenas pelo que diz, mas pela forma como diz. O estilo torna-se parte inseparável da mensagem. Mesmo em narrativas simples, a escolha das palavras e o modo de narrar conferem densidade estética ao texto. O leitor infantil, sensível à sonoridade e às imagens poéticas, percebe essa qualidade intuitivamente, o que contribui para a fixação da obra em sua memória afetiva (MOREIRA, 2024).

Além do conteúdo literário, os clássicos infantis se mantêm vivos porque se renovam por meio de diferentes linguagens e suportes. Muitas dessas obras foram adaptadas para o teatro, o cinema e a televisão, atingindo novos públicos e consolidando-se no imaginário coletivo. No entanto, sua força não reside apenas nas adaptações, mas na essência narrativa que resiste às transformações culturais. Um verdadeiro clássico sobrevive às modas e às mudanças tecnológicas porque sua mensagem continua a emocionar e provocar reflexão. Ele não se envelhece: transforma-se junto com o leitor (LEAL, 2022).

Os livros infantis que ficam para sempre também se destacam pela sua capacidade de gerar diálogo intergeracional. São obras que pais e filhos, professores e alunos, compartilham com prazer, encontrando nelas sentidos diferentes em cada fase da vida. Esse caráter de comunhão literária é o que garante a transmissão dos clássicos ao longo do tempo. A cada nova leitura, eles se atualizam, mantendo viva a tradição da narrativa e fortalecendo o vínculo entre memória e imaginação. Ler um clássico é, assim, revisitar o passado e reinventar o presente (MOREIRA, 2024).

Os clássicos contemporâneos ainda cumprem uma função social relevante: ajudam a formar leitores críticos em uma era de estímulos rápidos e fragmentados. Em meio ao excesso de informações, essas obras convidam à pausa, à escuta e à reflexão. Elas ensinam que a leitura é uma experiência estética e emocional, não apenas uma atividade escolar. A criança que lê um clássico aprende a decifrar símbolos, a perceber ambiguidades e a lidar com o não dito, como habilidades essenciais para o pensamento crítico e para a sensibilidade artística (VELLUDO, 2021).

Entre os títulos que se tornaram clássicos da literatura infantil universal e brasileira, destacam-se Alice no País das Maravilhas, Peter Pan, O Pequeno Príncipe, Pinóquio, Matilda, O Menino Maluquinho e A Bolsa Amarela. Essas obras, apesar das diferenças culturais e históricas, compartilham um mesmo traço: a capacidade de unir o fantástico ao humano, o sonho à realidade. Nelas, o leitor encontra não apenas uma história, mas um espelho simbólico de sua própria trajetória de crescimento. Por isso, atravessam o tempo e permanecem sempre novas (FONTINELE E AMORIN, 2025).

Andruetto (2021) afirma que um clássico infantil é aquele que educa sem moralizar, emociona sem ser sentimental, e encanta sem perder a profundidade. Ele desafia o leitor a pensar e sentir ao mesmo tempo, convidando-o a participar ativamente da construção de sentido. Os clássicos contemporâneos mostram que a literatura infantil não é um gênero menor, mas um espaço de arte, filosofia e sensibilidade. São livros que ficam para sempre porque falam daquilo que nunca deixa de existir: o desejo de imaginar, de compreender o mundo e de reinventá-lo através das palavras.

AS RELAÇÕES DO APRENDER COM O IMAGINÁRIO DA LITERATURA

A relação entre o aprender e o imaginário na literatura é uma das mais ricas e significativas dimensões do processo educativo. O ato de aprender não se restringe à aquisição de

informações ou ao domínio de habilidades técnicas; ele envolve também o desenvolvimento simbólico, emocional e criativo do sujeito (HOOKS, 2019).

A literatura, especialmente a infantil, é um dos caminhos mais fecundos para essa formação integral, pois convida a criança a pensar e sentir simultaneamente. O imaginário literário amplia a compreensão do mundo, oferecendo à criança uma forma de aprender que transcende o racional e alcança o sensível (COELHO, 2018).

Ao envolver-se em uma narrativa, a criança entra em contato com situações simbólicas que despertam a curiosidade, a empatia e a reflexão. O aprendizado que emerge da literatura não é imposto, mas vivido. Quando o leitor se identifica com um personagem, experimenta indiretamente emoções, dilemas e descobertas que o ajudam a compreender a si mesmo e aos outros. Essa aprendizagem simbólica tem um valor profundo, pois forma a base da inteligência emocional e do pensamento crítico. Assim, o imaginário não é uma fuga da realidade, mas uma ponte que possibilita à criança compreender o real sob novas perspectivas (LEAL, 2022).

O imaginário, presente nas narrativas literárias, atua como um mediador entre o mundo interno e o externo, permitindo que a criança organize suas experiências e atribua sentido ao que vivencia. Por meio das histórias, a criança aprende a construir hipóteses, a lidar com ambiguidades e a aceitar diferentes pontos de vista, em que cada narrativa lida ou ouvida é uma oportunidade de experimentação simbólica, em que o pensamento racional se entrelaça à fantasia, gerando novas formas de conhecimento (ZEILBERMAN, 2014).

No ambiente escolar, a literatura infantil é um recurso pedagógico de imenso potencial, justamente porque estimula o imaginário e a sensibilidade estética. Quando bem trabalhada, ela transforma a sala de aula em um espaço de descoberta e diálogo. A leitura compartilhada de histórias permite que os alunos expressem suas interpretações, opiniões e emoções, desenvolvendo tanto a linguagem quanto o pensamento crítico. A aprendizagem literária é, portanto, um processo coletivo, no qual o professor atua como mediador entre o texto e o imaginário dos estudantes, promovendo o prazer pela leitura e a formação de leitores autônomos (FONTINELE E AMORIN, 2025).

O imaginário literário também tem papel essencial na construção da criatividade. A criança que é exposta à literatura desde cedo desenvolve a capacidade de imaginar cenários, criar personagens e inventar soluções. Esse exercício imaginativo repercute em outras áreas do conhecimento, estimulando o raciocínio lógico, a resolução de problemas e a expressão artística. O aprender, nesse sentido, não se limita à reprodução de conteúdo, mas envolve a criação de novas possibilidades de pensar. A literatura ensina que aprender é também inventar, um ato de liberdade intelectual e afetiva (HOOKS, 2019).

Além disso, o contato com o imaginário literário contribui para a formação ética e social. Ao vivenciar, através das histórias, situações de conflito, solidariedade ou injustiça, a criança aprende valores e desenvolve senso de alteridade. A literatura infantil, por meio de metáforas e narrativas simbólicas, oferece um campo fértil para o debate sobre temas humanos e sociais. Aprender com a literatura é, portanto, aprender a ser — compreender o outro, reconhecer diferenças e exercitar o respeito. Essa dimensão formativa é o que faz da literatura um instrumento insubstituível na educação (MOREIRA, 2024).

Outro aspecto relevante é que o imaginário estimula o aprender prazeroso. Em um mundo marcado pela rapidez e pela fragmentação da informação, a literatura convida à pausa e à contemplação. O prazer estético da leitura desperta o interesse genuíno pelo conhecimento. Quando o aprendizado é mediado pelo encantamento e pela curiosidade, ele se torna mais significativo e duradouro. O imaginário dá cor e forma ao saber, transformando o aprender em uma experiência sensível e memorável (VELLUDO, 2021).

O vínculo entre o aprender e o imaginário também revela que o conhecimento é um processo contínuo de descoberta. A literatura ensina a lidar com o inacabado, com o mistério e com a dúvida, elementos essenciais ao pensamento crítico. Cada leitura é uma nova viagem, um exercício de interpre-

tação e reinvenção. A criança aprende que não há apenas uma verdade, mas muitas formas de ver e compreender o mundo. Esse aprendizado pela via simbólica prepara o sujeito para a complexidade da vida e para a convivência com o diverso (ANDRUETTO, 2021).

Do ponto de vista pedagógico, valorizar o imaginário na aprendizagem é reconhecer a importância da subjetividade no processo educativo. O desenvolvimento intelectual não se separa do emocional e do criativo; ao contrário, esses elementos se entrelaçam e se potencializam mutuamente. A literatura infantil, ao mobilizar emoções, metáforas e símbolos, contribui para a formação de um sujeito sensível e crítico, capaz de compreender o mundo com razão e afeto. Aprender com o imaginário é, em última instância, aprender a ler a si mesmo e ao outro (FONTINELE E AMORIN, 2025).

Sendo assim, as relações do aprender com o imaginário da literatura revelam que o conhecimento é uma construção que envolve emoção, linguagem e fantasia. A leitura literária transforma o ato de aprender em uma experiência de encantamento e descoberta, despertando a imaginação, amplia o olhar e forma indivíduos mais conscientes e criativos. Por isso, integrar o imaginário ao aprendizado não é um luxo pedagógico, mas uma necessidade formativa. A literatura infantil ensina que aprender é também sonhar, e que, por meio do sonho, o ser humano se torna capaz de compreender e transformar a realidade (MOREIRA, 2024).

CONCLUSÃO

A revisão de literatura desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que a literatura infantil representa muito mais do que um gênero destinado ao entretenimento das crianças: ela constitui um instrumento de formação simbólica, estética e cognitiva.

Ao percorrer a trajetória histórica, desde suas origens europeias até a consolidação no Brasil, observou-se que a literatura voltada à infância acompanha as transformações culturais e pedagógicas, bem como espelhando diferentes concepções de criança, de educação e de sociedade. O diálogo entre texto e leitor, mediado pelo imaginário, revela-se essencial para o desenvolvimento da sensibilidade, da empatia e da criatividade, dimensões indispensáveis à formação do sujeito integral.

Observou-se também que a narração literária exerce papel decisivo na construção do imaginário e da linguagem. Através do ato de narrar, a criança aprende a organizar o pensamento, a compreender o outro e a elaborar suas próprias experiências. Do mesmo modo, os clássicos infantis, desde antigos ou contemporâneos, mantêm-se vivos porque dialogam com temas universais e permanentes da condição humana, oferecendo às novas gerações narrativas que despertam encantamento e reflexão. O que faz um clássico ser um clássico é justamente sua capacidade de permanecer atual, reinventando-se a cada leitura e mantendo-se presente no imaginário coletivo.

A literatura infantil, ao conjugar emoção e conhecimento, revela-se um recurso pedagógico insubstituível. Seu valor formativo está em permitir que o aprender aconteça de forma simbólica, prazerosa e criativa. A criança que lê amplia seu repertório linguístico, cognitivo e afetivo, tornando-se mais capaz de compreender o mundo e de se expressar criticamente diante dele. Assim, o ato de ler e imaginar transforma-se em um exercício de liberdade e construção de sentido, promovendo uma aprendizagem que integra o racional e o sensível.

Portanto, o fortalecimento da literatura infantil nas práticas educativas é condição essencial para o desenvolvimento humano e cultural. Ao reconhecer o poder do imaginário como mediador do conhecimento, a escola e a sociedade reafirmam o compromisso com uma educação que forma leitores autônomos, criativos e éticos. A literatura infantil ensina que aprender é também sonhar e, ao sonhar, a criança descobre em si a capacidade de transformar o mundo e reinventar a própria existência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. B.; SLAVIERO, A. M. B. A influência

dos contos de fadas nos contos modernos. Rei Revista de Educação do Ideau, v. 8, n. 17, p.1-15, 03 jan. 2017. Semestral. Disponível em http://www.ideau.com.br/getulio/anterior/index/3/REI+06082014. Acesso em 02 out. 2025.

ANDRUETTO, M. T. Por uma literatura sem adjetivos. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2021.

ARCANJO, R. S. A contribuição da literatura (contação de histórias) na educação infantil. 2019. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos. Acesso em: 04 out. 2025.

COELHO, B. Contar Histórias: uma arte sem idade. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2018.

COLOMER, T. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2019.
CRUZ, M. Estrangeiro: poemas. Ilustrações: Ivone Rizzo Bins. Porto Alegre: Pé de Livros, 2020.

GUIMARÃES, J.; HEIL, L. S. O conto de fadas e o desenvolvimento da criança. Revista da Faculdade Sant'ana, vol. 01, n.04, 2017. Disponível em: https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/606/214. Acesso em 04 out. 2025.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

LEAL, L. F. V. Leitura e formação de professores. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs). A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
MOREIRA, S. M. B. Explorando novos caminhos: a literatura infantil e juvenil contemporânea. Revista Soletras, n. 49, ano 02, 2024. Disponível em: https://www.e- publicacoes.uerj.br/soletras/article/download/85105/51091/322174. Acesso em 04 out. 2025.
FONTINELE, A. C. S.; AMORIN, C. V. B. Literatura Infantil: A Contação de Histórias como Ferramenta de Aprendizagem na Educação Infantil. In: PEREIRA, D. (Org). Ensino de leitura e produção textual. Livro digital. São Paulo: AYA Editora, 2025. Disponível em: https://ayaeditora.com.br/Livro/40910/. Acesso em 06 out. 2025.

RICHE, R. M. C. A literatura infantil e juvenil contemporânea e o poder das mídias sociais. Caderno Seminal - Estudos de Literatura, v. 34, n. 34, 2020. Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. Disponível em: https://www.e- publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/48014. Acesso em 04 out. 2025.

VELLUDO, N. B. "A criação de amigos imaginários: um estudo com crianças brasileiras". Repositório Institucional UFSCar. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia. São Carlos - SP. 2021. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6052. Acesso em 06 out. 2025.

ZILBERMAN, R. Como e por que ler: A literatura infantil brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.